

## Entendendo os imaginários das Américas

Zilá Bernd

UFRGS-UNILASALLE-CNPq



**RESUMO** – O trabalho pretende cartografar o imaginário coletivo das Américas e as passagens transculturais das figuras e mitos que o conformam. Tal tentativa foi realizada através da organização do *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas – DFMLA*, por mim organizado e que contou com a colaboração de 77 pesquisadores do Brasil e do exterior, num total de 110 verbetes. Embora conscientes de que não existe uma “grande narrativa das Américas”, pois seu imaginário caracteriza-se antes de tudo por uma grande heterogeneidade e por processos sucessivos de transculturação, o DFMLA revelou um número considerável de recorrências de determinadas figurações míticas e processos análogos, nas três Américas, de migração e subversão de mitos originários do patrimônio cultural greco-latino.

**Palavras-chave:** Imaginários coletivos; Transculturação; Mobilidade cultural; Mitos americanos

**ABSTRACT** – The present study aims to map the collective imaginary of the Americas and the transcultural passages of figures and myths that are responsible for its formation. This work has been possible due to the organization of the *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas – DFMLA*, which has a total of 77 entries. Even though we are aware of the non-existence of a “big Americas’ narrative”, because its imaginary has a strong characteristic of heterogeneity and by a successive process of transculturalization, the DFMLA has revealed a number of some mythical figures and similar processes, in the three Americas, of migration and supervision of origin myths of the cultural heritage Greco-Latin.

**Keywords:** Collective Imaginary; Transculturalization; Cultural mobility; American myths

---

Como escreveu Gérard Bouchard em diferentes publicações, mas sobretudo em *Raison et contradiction: Le mythe au secours de la pensée* (Nota Bene, 2003), é preciso a qualquer preço, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, evitar a oposição binária Mito × Razão. É preciso reconciliá-los: *réhabiliter le mythe comme ressort de la pensée/ reabilitar o mito como mola propulsora do pensamento* (p. 117). Na tentativa de penetrar e desvendar os “interiores do Novo Mundo”, para retomar a bela expressão de Pierre Nepveu, fizemos a escolha de apelar para as narrativas simbólicas e para as figuras com densidade mítica, que povoam os imaginários coletivos americanos, pois tão somente a racionalidade revela-se impotente para os objetivos a que nos propusemos que era o de cartografar tais imaginários.

Convencidos da necessidade de prospectar as inscrições míticas nos textos literários das Américas, constituiu-se, entre 2004 e 2007, uma equipe com pesquisadores canadenses, brasileiros e franceses. A

referida equipe trabalhou em torno do Projeto MYSAM (Mythes des Amériques), dando origem a vários produtos entre os quais: o *Dicionário de figuras e mitos das Américas – DFMLA* (Porto Alegre, 2007), por mim organizado, e o coletivo dirigido por Bernard André e Gérard Bouchard, *Mythes et sociétés des Amériques* (Montreal, 2007).

Contrariamente ao DFMLA, que teve por ambição mapear os mitos e as figurações míticas das Américas, através de um grande número de verbetes, necessariamente breves, o livro organizado por Bouchard e André, selecionou um número reduzido de mitos (apenas 12), que foram analisados em profundidade por diferentes autores. A obra apresenta ainda um capítulo final, onde se encontra a definição de mito à qual chegou Gérard Bouchard, após longos anos de pesquisa comparada entre o Quebec e as Américas. A obra torna-se de imediato referência obrigatória a todos os que se interessam não apenas pela leitura pragmática das mitologias das Américas, pelo

estudo do mito como fato social, na linha de É. Durkheim, mas também pelas relações culturais trans-americanas, pelos conceitos de pertença e de americanidade.

Como sublinham os autores na Introdução, o livro *se inscreve em um veio de pesquisa recente no Quebec, cujo objetivo é o de situar a cultura quebequense em sua ambientação continental ou hemisférica – ou em sua “americanidade” – sem negligenciar suas continuidades européias, sobretudo francesas* (p. 12).

Quanto ao DFMLA, ele se origina da inexistência, no contexto das Américas, de dicionários de mitos literários propriamente americanos ou que assinalem a sobrevivência, nas Américas, dos mitos de origem greco-latina, e as diferentes passagens transculturais ocorridas desde a conquista até os dias de hoje. Os dicionários de mitos e de símbolos disponíveis atualmente são traduções de obras européias (ex. *Dictionnaire des mythes littéraires*, organizado por Pierre Brunel, *Dictionnaire des symboles*, de Chevalier e Gheerbrant), centrados, portanto, no imaginário greco-latino e europeu, deixando de incluir as figuras e os mitos do imaginário coletivo das Américas.

No âmbito do Projeto MYSAM, procurou-se refletir sobre o estatuto das relações culturais e literárias interamericanas e sobre as características de nossa americanidade. Como contribuição a essa linha de investigação tentou-se mapear o imaginário coletivo do continente americano, através do levantamento de figuras e mitos que caracterizam o que se poderia chamar de “grande narrativa das Américas”, embora se tenha consciência da heterogeneidade das produções culturais e literárias das Américas. Não se trata de um trabalho de cunho etnográfico ou antropológico com preocupação de exaustividade. O DFMLA visa a repertoriar tão somente figuras e mitos que emergem em narrativas literárias e paraliterárias, caracterizando o imaginário das Américas, ou seja, as figuras míticas cujas origens remontam às “descobertas”, à colonização, aos diferentes processos de autonomização cultural que aqui se encenaram, bem como a apropriação americana dos mitos oriundos das diferentes vagas migratórias. A maior parte dessas figuras míticas são fruto de processos sucessivos de mestiçagem e hibridação que se produziram nas Américas desde 1492.

As figuras, os mitos, os lugares simbólicos e as utopias que compõem o imaginário coletivo americano inscrito nas narrativas das três Américas, foram repertoriados, descritos, analisados e postos em perspectiva comparada, na tentativa de desvelar especificidades desse imaginário. Quer-se repertoriar as representações que as sociedades, no contexto das três Américas, elaboraram e continuam elaborando sobre si próprias. O DFMLA apresenta o inventário das principais imagens que emergiram num contexto inicial de colonização e, posteriormente, na

sua fase de emancipação, quando foram gestadas as ideias de nação independente e de autonomia literária. Muitas das figuras míticas são comuns aos hemisférios Norte e Sul do continente americano; outras, porém, caracterizam apenas um determinado país ou território geográfico ou cultural. Apesar da grande heterogeneidade que caracteriza o imaginário das Américas, o dicionário justifica-se por assinalar figuras-chave – arquemitos – e suas recorrências que marcaram momentos cruciais nos processos de construção identitária.

O DFMLA, cujo marco teórico são as obras de Gérard Bouchard, considera o imaginário coletivo como um fato social. A grande variedade das configurações míticas apresentam elementos comuns, constantes, sendo possível pensar em “uma lógica das recorrências” (BOUCHARD, 2000, p. 398). Tomamos aqui o mito como representação coletiva cuja função é instituir de maneira duradoura uma significação, não importando que esta significação seja “verdadeira” ou “falsa”; o que importa é a sua eficácia para uma comunidade dada. Ainda seguindo o mesmo autor que nos serviu de base teórica, vemos o mito como uma representação híbrida, mistura de realidade e ficção, estando sempre associado a uma figura (um indivíduo, um lugar, um objeto, uma narrativa, um acontecimento). O mito passa em geral por diferentes etapas: surgimento, difusão, sacralização e institucionalização. É essencial para o mito manter sua eficácia simbólica. Toda vez que um mito perde essa eficácia, ele tende a desaparecer, sendo substituído por outro.

O Dicionário foi concebido para dar conta dos seguintes objetivos:

1. situar as figuras e mitos do imaginário coletivo recorrentes no contexto das três Américas;
2. verificar as alterações de sentidos de tais figuras ao longo da travessia: sobretudo da Europa e da África para as Américas, ou seja, flagrar os processos de transculturação dos mitos em sua migração para as Américas;
3. apresentar um histórico da utilização literária dos mitos e figuras desde as primeiras inserções em textos literários e demais narrativas;
4. mostrar as recorrências dos mitos e figuras em textos literários das três Américas, apresentando-os, sempre que possível em perspectiva comparada;
5. apresentar, através de constelações e em ordem alfabética, o conjunto de figuras e mitos inscritos em narrativas literárias, paraliterárias e provenientes da oralidade, com o objetivo de oferecer a estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados um documento de referência inexistente até o momento;
6. fornecer, ao final de cada verbete, uma síntese crítica que, tendo sido elaborada por especialistas

naquele campo específico do conhecimento, abre novas perspectivas de leitura e trabalho;

7. aportar rica e atualizada bibliografia sobre cada um dos 110 verbetes apresentados;
8. contribuir para o debate sobre o conceito de americanidade, apresentando matéria objetiva para seu melhor entendimento.

Para escrever sobre temas tão variados, apresentando exemplos extraídos de literaturas escritas nas quatro línguas mais utilizadas das Américas, foi necessário o esforço conjunto de quase 80 pesquisadores de universidades brasileiras, canadenses, francesas e latino-americanas, todos especialistas em uma ou mais literaturas americanas, além de serem comparatistas interessados no diálogo trans-americano.

Todos esses pesquisadores estão bem conscientes do fato de não existir algo que se possa chamar de “uma grande narrativa das Américas”, homogênea e unificadora, caracterizando um discurso pan-americano. O postulado inicial para a construção dos verbetes era o de que as nações das Américas se confrontaram com problemas semelhantes a partir da conquista, tendo que se exprimir na língua do outro (colonizador) e se apropriar dela para forjar suas produções artísticas com identidade própria. Contudo, cada uma dessas nações elaborou suas próprias soluções, trazendo respostas sob a forma de figuras e mitos a partir dos quais é possível destacar determinadas convergências. Uma das funções mais importantes do mito em tal contexto foi o de superar situações de contradição, desempenhando muitas vezes o papel de mediação quando da existência de termos incompatíveis. Exemplo: para superar as contradições da presença de indígenas, europeus e africanos principalmente em solo americano, surgem os mitos ligados à mestiçagem, à democracia racial, à América como *melting pot*, etc.

Foram seguidas de perto as teses de ensaístas americanos tais como Angel Rama, Cornejo Polar, Antonio Candido, Néstor García Canclíni, Gérard Bouchard, Pierre Nepveu e Édouard Glissant, entre outros, cujos argumentos privilegiam a heterogeneidade e a diversidade das culturas latino-americanas, caribenhas e norte-americanas e concluem que toda sua riqueza advém justamente dos diferentes processos de *créolisation* que se produziram nas Américas ao longo dos quinhentos anos desde a chegada dos europeus ao Novo Mundo. Apesar da prodigiosa diversidade das culturas americanas, a recorrência de um certo número de mitos oriundos da própria América e a re-escritura de mitos de origem européia e africana, que foram retomados, parodiados e canibalizados pelos escritores de norte a sul do continente, é surpreendente.

Ao conceber o projeto de *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, o interesse restringiu-se à reutilização literária dos mitos e sobretudo às aparições

dos mesmos arquétipos em textos de escritores situados ao norte e ao sul das Américas. Autores que nunca tiveram ocasião de se ler, curiosamente, lançaram mão dos mesmos mitos e ou arquétipos. A título de exemplo, cita-se o verbe “Medéia”.

Nesse verbe busca-se demonstrar como o mito de Medéia, tradicionalmente associado ao infanticídio e ao aborto, é retomado no espaço do Novo Mundo por numerosos autores tais como Nancy Huston, Anne Hébert, Maryse Condé, Toni Morrison, John Steinbeck, Laura Esquivel e Chico Buarque de Hollanda, para exprimir o desespero, a vingança e a revolta: como deixar viver crianças em um contexto onde reina a injustiça, a escravidão e a desesperança? Apontamos também a existência do contra-mito americano de Medéia: o do recém-nascido, figuração das Américas como espaço de renovação e possibilidade de recomeço. Sua utilização recorrente atravessa várias literaturas das três Américas desde o século 19, em autores como José de Alencar (*Iracema*), Alejo Carpentier (*Ecuê Yamba-o*), João Cabral de Melo Neto (*Morte e vida Severina*), Gérard Bouchard (*Mistouk*), entre tantos outros. A reescritura do mito de Medéia e de seu contramito, o da criança recém-nascida cujo nascimento remete à possibilidade de recomeço, se relacionam, respectivamente, a distopias e a utopias, recriando o espaço do Novo Mundo como lugar de desencanto mas também de fé e de esperança no surgimento de um novo homem, um novo Adão, anunciando novos tempos.

Muito recorrentes são figuras que implicam na mobilidade cultural por excelência como o andarilho, o viajante, o imigrante, o turista entre outros, numa tradução da necessidade de deslocamento no espaço e no tempo, como metáfora de necessidade de busca incessante de identidade, contrapondo-se a diferentes formas de poder e sua tendência à imobilidade. Figurações pertencendo à bacia semântica da astúcia e da iconoclastia como o malandro, o Don Juan, Malasartes, o tricksters e Don Quixote, fornecem pistas sobre o caráter transgressor e insubmisso da maioria das figurações míticas das Américas.

O autor do verbe Don Quixote aponta dois tipos de reapropriação pelos escritores das Américas dessa figura: na América do Norte privilegiam a figura do Sancho Pança porque ele é o tipo prático, imediatista, o que tenta fazer o cavaleiro colocar os pés na terra; na literatura latino-americana, o grande destaque é dado ao próprio fidalgo que, com seu idealismo, se revela contra todas as formas de arbítrio. Exemplo revelador da convergência em reescrever o mito e também da divergência na seleção de elementos a serem privilegiados.

Acredita-se que essas reutilizações por poetas, escritores e contadores que, em princípio, não leram as obras uns dos outros é, de um lado, surpreendente e, de

outro, reveladora da presença de denominadores comuns nos processos de autonomização cultural, na relação com as matrizes européias e na trajetória identitária. O fato de todos eles terem tentado encontrar soluções semelhantes ao se apropriarem da língua do outro (colonizador) para transformá-la em língua nacional, própria para exprimir o literário e o identitário das Américas, os põe em situação de convergência, digna do interesse de leitores e de pesquisadores da literatura brasileira, das literaturas estrangeiras modernas (latino-americana, anglo-americana, caribenha e canadense) e, sobretudo, de comparatistas.

A maior parte das figuras e mitos que integram o DFMLA se origina da necessidade de encontrar soluções e respostas aos impasses que têm sua gênese em situações semelhantes enfrentadas pelas coletividades novas das Américas. Para responder ao desafio de ser periferia e se encontrar em situação de subalternidade, as jovens culturas das Américas necessitam, segundo Gérard Bouchard, 1. responder ao sentimento de inferioridade em relação às culturas do centro (Europa), tidas como prestigiosas; 2. construir modelos identitários distintos ao das metrópoles européias e 3. superar – via devoração – o traumatismo do rompimento com esses modelos culturais, inventando novas vias de recomeço e renovação. São esses processos sucessivos de apropriação e de sínteses antropofágicas inacabadas que conferem às jovens nações americanas densidade simbólica, dando origem à construção de uma memória longa para contrapor-se a uma história ainda muita curta. Apropriar-se simbolicamente de um território já ocupado tornou-se prioritário para os escritores das Américas que serão finalmente absolvidos do pecado original de ter copiado, através das fecundas passagens transculturais que irão performar, dando feição e identidade próprias às letras americanas. Em suma: fundar um lugar de enunciação americano, converteu-se em uma urgência no âmbito da cultura e da literatura das Américas. Flagrar tais processos só se torna viável ultrapassando as fronteiras, por vezes porosas, que opõem mito e razão, apontando suas mobilidades e hibridações.

Acompanhar os fenômenos de apropriação e re-escritura de determinados mitos, implica em compreender de certa forma a escolha que os escritores fazem de sua ancestralidade. É mais importante observar quais as obras de diferentes geografias que os escritores escolhem para parafrasear e parodiar do que a própria identidade nacional. Para além das identidades nacionais, acompanhar o processo de afiliação – via escolha e reinserção de mitos em textos ficcionais – é revelador do caráter transversal e transnacional das identidades literárias americanas.

É preciso destacar que os mitos americanos, bem como a migração dos mitos europeus e os processos

de transferências culturais no contexto das Américas, se constituem em respostas eficazes às situações de dominação e representam um esforço de busca e afirmação de identidades. A fascinante viagem através da floresta de mitos e da densidade simbólica inscrita nos textos literários das Américas fornecem as chaves para penetrar nos imaginários coletivos da “nossa América”. O DFMLA é um convite a essa viagem.

Para fins de realização do dicionário, foi escolhido um número representativo de mitos ou figurações míticas do imaginário americano, tomados em uma perspectiva de transversalidade, que não se pretendeu exaustiva, mas significativa da diversidade do imaginário das Américas. Além dos mitos propriamente ditos, foram incluídos *lugares simbólicos*, por considerar-se que sua inclusão viria a contribuir grandemente para uma melhor apreensão da espessura simbólica do espaço no qual muitas narrativas literárias foram encenadas.

A inclusão de um certo número de *utopias* que animaram a vida intelectual do Novo Mundo veio completar esse projeto captar a porosidade das fronteiras americanas, procurando reforçar os canais do comparatismo cultural e literário interamericano. As utopias americanas são reveladoras dos projetos, das fantasias e até mesmo dos delírios de seus idealizadores, mas contribuem de maneira decisiva para alcançarem-se o objetivo maior a que se propõe o dicionário que é desvendar o imaginário das Américas, abrindo canais de observação das passagens transculturais nas Américas.

Ao final de cada verbete, o leitor encontra a indicação de leitura de outros verbetes com matérias afins. Além disto, um amplo *índice remissivo*, situado ao final do volume, está organizado de modo a facilitar a procura por palavras-chave recorrentes em determinados verbetes, incrementando, assim, os mecanismos de busca e ampliando o campo de atuação do dicionário.

Espera-se que o DFMLA venha a se constituir em um poderoso auxiliar de leitura e em um instrumento eficaz na sugestão de perspectivas comparatistas, abrindo caminho para uma melhor compreensão das relações culturais e literárias trans-americanas.

## Referências

- BERND, Z. (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da UFRGS, 2007.
- BOUCHARD, G.; ANDRÈS, B. (Org.). *Mythes et sociétés des Amériques*. Montréal: Québec/Amérique, 2007.
- BOUCHARD, Gérard. L'analyse pragmatique des figures et mythes des Amériques; proposition d'une démarche. *Interfaces*, Brasil/Canadá, Rio Grande, Association Brésilienne d'Études Canadiennes (ABECAN), n. 5, p. 13-28, 2005.
- BOUCHARD, Gérard. *Les stratégies de mémoire longue dans les nations du Nouveau Monde*. Jeux et nœuds de mémoire.

Conférence d'Ouverture Congrès International de l'Association Brésilienne d'Études Canadiennes (ABECAN), nov. 2005.

BOUCHARD, Gérard. *Une définition du mythe*. Version Nov. 2004. 5 p. (Doc. de recherche I-E-13).

BOUCHARD, Gérard. Le mythe: essai de définition. In: BOUCHARD, G.; ANDRÈS, B. (Org.). *Mythes et sociétés des Amériques*. Montréal: Québec/Amérique, 2007. p. 409-426.

BOUCHARD, Gérard. Sur la structure et l'évolution des imaginaires collectifs: quelques propositions. *Interfaces*, Brasil/Canadá, Association Brésilienne des Etudes Canadiennes (ABECAN), v. 1, n. 3, p. 9-27, 2003.

Recebido: 22.10.2009  
Aprovado: 27.11.2009  
Contato: <zilab@uol.com.br>